



41º Boletim RedINET-Brasil

Nos volumes 1 e 2 do 41º Boletim RedINET-Brasil, continuamos refletindo sobre inquietações e questionamentos gerados pelo Bate-papo em RedINET-Brasil, e trazemos uma pesquisa de doutorado defendida em 2023. No volume 3, apresentamos informações sobre o projeto transnacional Práticas laborais em pequenas comunidades no Brasil e em Portugal: sustentabilidade no saber/fazer para equidade social e econômica.

Confira o Conexão Virtu@l com biografias de pesquisadores brasileiros, o alerta para prazo de submissões para o 7º CBEe e outros informes da área.

Abrço,
Coordenação RedINET-Brasil.

Bate-Papo em RedINET Brasil

O Programa Etnomatemática no Brasil: regionalidades e inter-regionalidades

28/10/2023 - 9 às 12h00 (horário de Brasília)



www.youtube.com/live/cwozInsoUcc?si=dkZD2mSGAy2LWV1J



(Re)Assista, na íntegra, ao Bate-Papo em RedINET-Brasil:

www.youtube.com/live/cwozInsoUcc?si=dkZD2mSGAy2LWV1J

O nosso Bate-Papo em RedINET-Brasil foi um sucesso, e os questionamentos transcenderam o tempo destinado para a live. Por isso, optamos por dedicar o Vol.1 deste número para que nossos convidados pudessem tecer reflexões sobre o que ocorreu no chat. Aproveitem!

Com o objetivo de abordar mais amplamente essa participação, alguns excertos das interações foram apresentados aos 10 convidados das cinco regiões para socializarem seus posicionamentos, complementando a discussão e reflexão iniciadas no dia 28 de outubro, na forma do seguinte texto:

“A transgressão é uma forma de insubordinação criativa e, também, de uma subversão responsável na educação... que também pode ser identificada como ações decolonizadoras.”; “Para mim não é o reconhecimento da matemática nas práticas, mas o respeito e a valorização de um pensamento matemático socioculturalmente construído em atividades cotidianas...”; “A tradução entre os saberes e fazeres matemáticos (locais) com o conhecimento matemático desenvolvido em outros contextos culturais como o escolar e o acadêmico é importante, contudo, sem imposição.”; “Sem dúvida a relação dialógica é indispensável, o reconhecimento desses diferentes fazeres e saberes pelos estudantes, principalmente no sentido de compreender que existem outras formas de matematizar utilizadas por esses diferentes grupos que podem ser utilizados em sala de aula, esse é o respeito e a valorização, como afirma Foucault: a insurreição de saberes sepultados.”; “[...] em sua opinião esses estranhamentos que se manifestam no encontro de duas ou mais culturas e que buscam promover o dinamismo cultural podem ser considerados como conflitos culturais?”; “Dois termos que precisam ser bem compreendidos: estranhamento e conflito, “estranhamento” tem compreensões na antropologia e na filosofia, por exemplo; “conflito” pode remeter tanto a relações

coletivas ou pessoal ou ambas, pode remeter a relações de poder-saber.”; “O que estamos percebendo nas pesquisas em Etnomatemática sobre a relação entre saberes e fazeres tradicionais e as novas tecnologias digitais?”; “Visto que estamos inseridos em uma estrutura educacional que direciona o ensino para a aprovação do educando no ENEM, aliar as metodologias de ensino da escola do campo com a realidade escolar põe o discente do campo em desvantagem nessa “corrida pela aprovação”?”.

Luciano de Santana Rodrigues (Piauí) reconhece que “alguns dos comentários iniciais se relacionam com a minha fala e minha pesquisa. O que posso dizer é que a minha investigação busca valorizar os saberes e fazeres (locais) de povos tradicionais, no caso Agricultores Familiares, traduzindo seus conhecimentos para o contexto escolar/acadêmico. Acredito sim que ao pensar em uma aula que trabalhe tais conhecimentos esteja desenvolvendo uma ação de insubordinação criativa.”.

Ao articular Etnomatemática e História da Matemática nas aulas de Matemática, Juliana Batista Pereira dos Santos (Rio Grande do Sul) afirma que “é possível reconhecer, valorizar e respeitar distintos modos de matematizar, historicamente construídos, que foram marginalizados. Desse modo, criam-se condições de possibilidade para que os estudantes realizem movimentos de contraconduta frente aos jogos de linguagem presentes na Matemática Escolar”. Do mesmo estado, Luís Tiago Osterberg considera que “ao utilizar a Etnomatemática como método de pesquisa e ensino, criam-se condições para que o estudante identifique outros modos de matematizar, ou seja, saberes matemáticos que possuem jogos de linguagem distintos dos expressos pela Matemática Acadêmica. Ao fazer a tradução dessas linguagens, em uma relação dialógica, de respeito, ampliarão a compreensão e a significação de um conceito matemático.”.

Para Em relação à decolonialidade e valorização dos saberes, Elisama de Jesus Gonzaga Santos (Bahia) acredita “que essa compreensão sobre a necessidade de difusão do pensamento decolonial e fortalecimento da valorização dos saberes locais cheguem nas

formações continuadas para os professores das escolas primárias, onde as crianças tem seus primeiros contatos com a matemática escolar “eurocentrada”. Se desde o início a relação entre discente, docente e os saberes matemáticos forem estabelecidas de modo dialógico, conseguiremos avançar nas questões que envolvem por exemplo a relação do que já temos de conhecimento produzido com o que as crianças aprendem nos meios digitais.”.

Com relação à questão sobre as metodologias de ensino da escola do campo e a “corrida pela aprovação” no ENEM, Edinilson dos Anjos Silva (Espírito Santo) acredita que “em parte, sim. Até porque, mesmo que esses estudantes estejam em consonância com as mais ricas e diversas propostas metodológicas existentes [na instituição de ensino do campo], há pontos, que devem ser considerados nesse processo, como: a formação continuada de professores, a ausência do transporte escolar em período chuvosos, ausência de tecnologias para serem assistidos, dentre outras”. Já Cintia Vieira de Paz dos Santos (Rio de Janeiro) enfatiza que “a etnomatemática não rejeita o currículo acadêmico escolar, possibilita a interdisciplinaridade entre os conteúdos que são exigidos no ENEM e a realidade em que vivem os estudantes camponeses, interagindo a matemática eurocêntrica e a matemática cotidiana, para uma aprendizagem significativa. Para que a educação do campo não saia em desvantagem, é necessário a organização estrutural do currículo, valorizando a cultura da escola do campo.”.

A Professora Aurinete Vieira Lima da Fonseca (Porto Alegre do Norte, MT) chama a atenção para o fato de que conceber a existência de apenas uma pedagogia no cenário educativo é silenciar povos, culturas e práticas culturais. Já que é uma proposição de resgate, investigação e valorização de matemáticas outras, que foram silenciadas por todo processo colonial existente ainda hoje. Vale ressaltar que não são matemáticas novas, mas que sempre existiram, no entanto, não tiveram visibilidade no processo de segregação que nosso país sofreu.

